



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS- LÍNGUA PORTUGUESA**

JOAQUIM GOMES CABOCLO

**SIMILARIDADES ENTRE ADVÉRBIOS E CONJUNÇÕES: UMA ANÁLISE
FUNCIONALISTA DOS ITENS *AGORA* E *ENQUANTO* EM TEXTOS
JORNALÍSTICOS**

**CAMPINA GRANDE-PB
2021**

JOAQUIM GOMES CABOCLO

**SIMILARIDADES ENTRE ADVÉRBIOS E CONJUNÇÕES: UMA ANÁLISE
FUNCIONALISTA DOS ITENS *AGORA* E *ENQUANTO* EM TEXTOS
JORNALÍSTICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras-
Português, da Universidade Estadual da Paraíba
- Campus I, como requisito parcial à obtenção
do título de graduado em Letras.

Área de concentração: linguística

Orientador: Prof. Dra. Marta Anaísa Bezerra Ramos.

**CAMPINA GRANDE-PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C116s Caboclo, Joaquim Gomes.

Similaridades entre advérbios e conjunções [manuscrito] : uma análise funcionalista dos itens Agora e Enquanto em textos jornalísticos / Joaquim Gomes Caboclo. - 2021.

41 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Marta Anaísa Bezerra Ramos, Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."

1. Advérbio. 2. Conjunção. 3. Funcionalismo. 4. Mudança linguística. I. Título

21. ed. CDD 410

JOAQUIM GOMES CABOCLO

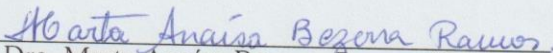
SIMILARIDADES ENTRE ADVÉRBIOS E CONJUNÇÕES: UMA ANÁLISE
FUNCIONALISTA DOS ITENS *AGORA* E *ENQUANTO* EM TEXTOS JORNALÍSTICOS

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras-
Português, da Universidade Estadual da
Paraíba – Campus I, como requisito parcial à
obtenção do título de graduado em Letras.

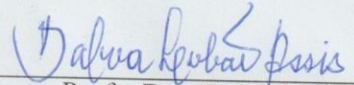
Área de concentração: Linguística

Aprovada em: 02/06/2021

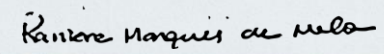
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª. Dra. Marta Anaísa Bezerra Ramos (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª. Dra. Dalva Lobão Assis
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Raniere Marques de Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha família e a amigos que me dão forças
para alcançar os meus objetivos, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me nortear espiritualmente em todas as etapas da minha vida.

A minha avó, Rita Gomes (*in memoriam*), cuja presença ao meu lado eu sentia, embora ela estivesse fisicamente ausente.

Agradeço a minha mãe, Rosilda, por estar presente em minha vida, auxiliando-me no que eu preciso.

A Marisa Gomes, minha tia, por estar sempre disposta a me ajudar no que for preciso.

Sou muito grato a Mateus Bernardo, que sempre me apoiou em todas as minhas decisões.

Minha gratidão à professora Dra. Marta Anaísa Bezerra Ramos, que me orientou, proficientemente, no decorrer da construção deste trabalho de conclusão de curso e me incentivou adentrar nos estudos funcionalistas.

Agradeço aos professores Dra. Dalva Lobão Assis e Me. Raniere Marques de Melo, por aceitarem fazer parte da banca e trazer ricas contribuições para a esta pesquisa.

A Amanda Kelly, que apesar de morar em estado diferente, sempre esteve tão perto, aconselhando-me com as suas sábias palavras.

A Aline Oliveira, minha parceira de curso e de vida, que tornou os dias difíceis mais leves.

A Paula Rhanna e a Karolline Moreira, por compartilharem comigo bons momentos durante a graduação e por permanecerem em vida.

Aos professores do curso de Letras Português, por todo apoio e conhecimento que me foram dados.

Sou muito grato a todos que me ajudaram direta ou indiretamente.

Obrigado!

SIMILARIDADES ENTRE ADVÉRBIOS E CONJUNÇÕES: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA DOS ITENS *AGORA* E *ENQUANTO* EM TEXTOS JORNALÍSTICOS

Joaquim Gomes Caboclo

RESUMO

A classificação das palavras é uma característica presente em todas as línguas naturais. Nesse contexto, tendo como objeto de estudo o advérbio **agora** e a conjunção **enquanto**, objetivamos, neste trabalho, compreender o funcionamento textual-discursivo dos advérbios e conjunções, especificamente sobre a multifuncionalidade de uso., com base na descrição do processo de gramaticalização desses elementos – no primeiro caso, a mudança de advérbio de tempo para conector com valor contrastivo; no segundo, o acréscimo semântico, da noção de tempo para contraste, conforme as pressões de uso. Para isso, tomamos como *corpus* um conjunto de textos jornalísticos – dos gêneros reportagem e entrevista da revista VEJA/2019 para descrever os usos e identificar qual a estratégia mais recorrente nesses gêneros. Apesquisa, de base quantitativa e qualitativa, tem respaldo na teoria funcionalista. No desenvolvimento do texto, fazemos um percurso sobre o funcionalismo e seus princípios, perpassando pela noção de advérbio e conjunção, na perspectiva tradicional até chegar à abordagem funcionalista, que explica o processo de mudança sintática e semântica que envolve essas formas gramaticais. Assim, utilizamos como referencial teórico gramáticos/linguistas, a exemplo de Bechara (2009), Azeredo (2012), Neves (1997, 2000), Castilho (2019), Oliveira (2018), Longhin (2016), entre outros. Os resultados do estudo demonstram que o sentido expresso, tanto do **agora** como também do **enquanto** é predominante o de tempo, apesar de ter ocorrências significativas com nuances de contraste, revelando que o sentido das palavras é influenciado pelo contexto.

Palavras-Chave: Advérbio. Conjunção. Funcionalismo. Mudança linguística.

SIMILARIDADES ENTRE ADVÉRBIOS E CONJUNÇÕES: UMA ANÁLISE FUNCIONALISTA DOS ITENS AGORA E ENQUANTO EM TEXTOS JORNALÍSTICOS

Joaquim Gomes Caboclo

ABSTRACT

The classification of words is a feature present in all natural languages. In this context, having as object of study the adverb **now** and the conjunction **while**, in this paper we aim to understand the textual-discursive functioning of adverbs and conjunctions, specifically about the multifunctionality of use, based on the description of the grammaticalization process of these elements - in the first case, the change from adverb of time to connector with contrastive value; in the second case, the semantic addition, from the notion of time to contrast, according to the pressures of use. For this, we took as corpus a set of journalistic texts - of the genres reportage and interview from the magazine VEJA/2019 magazine to describe the uses and identify which is the most recurrent strategy in these genres. This quantitative and qualitative research is based on the functionalist theory. In the development of the text, we follow a path about functionalism and its principles, going through the notion of adverb and conjunction, from the traditional perspective to the functionalist approach, which explains the process of syntactic and semantic change that involves these grammatical forms. Thus, we used as theoretical referential grammarians/linguists, for example Bechara (2009), Azeredo (2012), Neves (1997, 2000), Castilho (2019), Oliveira (2018), Longhin (2016), among others. The results of the study show that the expressed meaning of both **now** and also **while** is predominantly that of time, despite having significant occurrences with nuances of contrast, revealing that the meaning of words is influenced by context.

Keywords: Adverb. Conjunction. Functionalism. Linguistic change.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Distribuição das formas gramaticais conforme os gêneros.....	29
TABELA 2: Frequência do agora conforme as funções e o gênero	30
TABELA 3: Frequência do enquanto conforme as funções e o gênero	30

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Definições tradicionais de advérbios	19
Quadro 2: Definições tradicionais de conjunções	22

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	14
2.1 O Funcionalismo e seus princípios	14
2.2 Gramaticalização e a teoria dos protótipos	16
2.3 Sobre as noções de advérbio e de conjunções	19
2.4 Estudos funcionalistas sobre o agora e o enquanto	24
3 INVESTIGANDO OS USOS DE AGORA E ENQUANTO NOS GÊNEROS JORNALÍSTICOS	29
3.1 Construções com agora	31
3.2 Construções com enquanto	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

A categorização das palavras é uma característica estrutural inerente a qualquer descrição gramatical. A concepção clássica de classificação, ressalta Macedo (2002), pressupõe a existência de categorias organizadas, conforme os itens apresentem os mesmos atributos essenciais e suficientes para pertencer a determinado conjunto, formando exemplos prototípicos. Nessa perspectiva, o enquadramento das palavras em um grupo rege-se pela apresentação de propriedades comuns, uma forma de classificação que tem relação direta com a visão aristotélica¹ acerca da linguagem.

O procedimento mental de classificar algo é denominado de *categorização* e seus produtos são *categorias* que podem ser interpretadas como conceitos mentais armazenados na memória do falante (RIZZATTI, 2001, p. 12). Ou seja, quando o interlocutor utiliza determinado vocábulo ao se comunicar, inconscientemente aciona características essenciais que melhor definem o que foi falado.

Seguindo a NGB (Norma gramatical brasileira), as gramáticas tradicionais subdividem as palavras em dez classes: substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição, utilizando, predominantemente, o critério nocional (ou semântico)². Perini (2007, p. 314), de outro modo, segue o critério formal, propondo uma matriz que considera aspectos como: flexão, posição, concordância, mas destaca que a classificação deve levar em conta o potencial funcional das palavras. Assim, essa noção leva em consideração o conjunto de funções sintáticas que uma palavra pode desempenhar.

Ao organizar a Gramática de Usos, Neves (2000), distribuí as classes de acordo com os processos de organização do enunciado ao sentindo do texto: a predicação, referenciação, quantificação, indefinição e a junção, por essa razão estuda as preposições, os advérbios e as conjunções na parte que trata das palavras que atuam no processo de junção de elementos do discurso, sinalizando o modo pelo qual se conectamos partículas dentro das estruturas oracionais no âmbito textual. Essas classes possuem características em comum, como a invariabilidade (critério morfológico) e a função relacional, atuando como conectores de orações. Segundo a autora, os advérbios que operam conjunção de orações são denominados advérbios juntivos, “que ocorrem numa oração ou num sintagma de valor anafórico, referindo-se a alguma porção da oração ou do sintagma

¹ Essa visão é apoiada na concepção objetivista do mundo: o conhecimento é representado por símbolos que significam ou representam categorias de objetos, ao modo que uma categoria se constitui de representações simbólicas capazes de designar adequadamente as categorias do mundo real. (MACEDO, 2002, p. 2).

² De acordo com Camacho (2011), ocorre uma universalização categórica, pois as características próprias de línguas indoeuropeias aplicar-se-iam a todas as línguas naturais.

sintagma anterior” (NEVES, 2000, p. 241).

Dito isso, é importante mencionar que a proximidade entre advérbios e conjunções gera dificuldade de agrupar os itens em categorias diferentes. O próprio Bechara (2009) ressalta que devido à proximidade semântica, a tradição gramatical inclui entre as conjunções coordenativas alguns advérbios que estabelecem relações intertextuais, a exemplo de *pois, logo, entretanto, contudo, todavia, não obstante*. Da mesma forma, Castilho (2019, p. 344), ao tratar sobre as conjunções e sua gramaticalização, afirma que as conjunções derivam de advérbios e de outras classes autosemânticas.

Nesse contexto, tomamos os itens **agora** e **enquanto** como objeto de investigação, por observarmos que o primeiro, caracterizado como advérbio que indica circunstância de tempo, apresenta, em contextos específicos de conexão textual, valor semântico de adversidade, função que, a priori, é pertencente às conjunções. Quanto ao segundo item, que é classificado como conjunção subordinativa com valor temporal, ganha nova função, quando se reveste de valor de contraste. Portanto, nos dois casos ocorre variação de função, resultando em migração de classe no primeiro caso e apenas de sentido no segundo. Diante desse quadro, sentimo-nos incentivados. Esse tipo de abordagem dá margem para os seguintes questionamentos:

- a) Como ocorre a passagem da função de *adjunção* do item “agora” para a de *conjunção*? Há relação entre o tipo de função e o gênero de texto em que é empregado?
- b) O que influencia a alternância semântica desses itens, que originariamente têm valor de tempo e adquirem valor de oposição?

Ao investigar o processo desses itens na visão funcionalista objetivamos compreender o funcionamento textual-discursivo dos advérbios e conjunções, especificamente sobre a multifuncionalidade de uso. E temos como objetivos específicos:

- a) Descrever as propriedades sintático-semânticas do **agora** e **enquanto**;
- b) Evidenciar qual estratégia linguística é mais recorrente: se os itens **agora** e **enquanto** com função temporal ou como juntivo (relação de contraste);
- c) Descrever o processo de gramaticalização do **agora** e do **enquanto**.

Com isso, demonstramos a importância de ter o texto como suporte para tratar dos estudos morfossintáticos, mostrando os recursos linguísticos utilizados para tornar a comunicação mais eficiente. Pressupomos que os materiais didáticos não dão muita atenção a multifuncionalidade dos advérbios e conjunções – categorias de análise para o nosso estudo. Por isso, acreditamos ser uma alternativa para desenvolver o estudo mais eficaz das classes de palavras.

Esta pesquisa se justifica ainda pela necessidade de descrever o funcionamento desses elementos, enfatizando a mobilidade/variedade da língua, ao expor os usos alternativos do advérbio **agora** e da conjunção subordinativas **enquanto**, isto é, o comportamento sintático-semântico-discursivo dessas categorias, no processo comunicativo. Este estudo tem seu alicerce amparado nos pressupostos do funcionalismo, por ser uma corrente teórica que estuda a relação forma e função através de dados coletados na interação espontânea.

Este trabalho é pautado em um estudo descritivo-analítico, com base quantitativa e qualitativa. Utilizamos como embasamento teórico gramáticos/linguistas como Perini (2007), Bechara (2009), Azeredo (2012), Neves (1997, 2000), Castilho (2019), além de trabalhos de pesquisa sobre o tema, a exemplo dos estudos de Macedo (2002), Oliveira (2018), de Silva e Oliveira (2012), que analisam a multifuncionalidade do advérbio **agora** em textos orais de entrevistados natalenses e ainda os de Longhin (2016), que retrata a mudança de significado dos jutores a partir de uma investigação empírica sobre o revestimento do valor contrastivo do **enquanto**.

Para essa investigação, tomamos como *corpus* um conjunto de textos jornalísticos – entre os gêneros reportagens e entrevistas da revista VEJA/2019, em que identificamos 161 ocorrências do **agora**, e 92 do **enquanto**. Das 161 ocorrências do primeiro item, 107 expressam tempo e 54, com função coesiva, expressam oposição; quanto à conjunção **enquanto**, 53 têm valor temporal e 39, contrastivo. Para compreender satisfatoriamente a respeito dos dados coletados, elaboramos uma tabela discriminando a quantidade de ocorrências.

Na sequência do texto, apresentamos, na seção (2), destinada aos pressupostos teóricos, a teoria funcionalista e seus princípios, além de tratarmos a respeito de gramaticalização e prototipicidade; expomos ainda o tratamento de advérbio e conjunção nas gramáticas e resultados de pesquisas funcionalistas sobre o tema. Na seção (3), dedicada à análise, investigamos os usos de **agora** e **enquanto** nos gêneros jornalísticos, analisando quantitativamente e qualitativamente os contextos estruturais.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 O Funcionalismo e seus princípios

Sob a ótica funcionalista, a língua é um instrumento de comunicação e, tendo em vista pressões advindas das diferentes situações comunicativas, a sua estrutura gramatical é maleável. Nessa perspectiva, o funcionalismo surge com o objetivo de estudar a relação entre estrutura gramatical e o contexto comunicativo, isto é, descreve a língua em seu uso real. A esse respeito, Cunha (2015, p. 158) afirma: “O funcionalismo é uma corrente linguística que, em oposição ao estruturalismo e ao gerativismo, se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas”. Dessa forma, essa corrente linguística considera a linguagem como um mecanismo de interação entre sujeitos no meio social, relacionando, portanto, linguagem e sociedade.

Decorre dessa concepção de que há uma estreita relação entre gramática e discurso, a defesa de que a sintaxe é suscetível a mudanças. Por isso, podemos falar em gramática funcional, já que a língua é uma estrutura adaptável aos atos comunicativos. Neves (1997) entende por gramática funcional:

uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global que assenta que as relações entre as unidades e as funções das unidades têm propriedades sobre seus limites e sua posição, e que entende a gramática como acessível às pressões do uso. Quando se diz que a gramática funcional considera a competência comunicativa, diz-se exatamente que ela considera a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira internacionalmente satisfatória. (NEVES, 1997. p 15)

A gramática, nessa concepção, é definida como um sistema aberto, passando por mudanças morfológicas, sintáticas e semânticas sujeitas a atos de falas e, sobretudo, associadas a estratégias discursivas. Assim, a língua é analisada a partir de um contexto linguístico envolvendo, também, fatores extralinguísticos.

Neves (1997, p. 48) recorre aos escritos de Halliday (1985) para indicar algumas características da gramática funcional: i) compreende a língua como uma rede de relações; ii) tende a enfatizar variações de línguas diferentes; tomar a semântica como base e organizá-la em torno do texto ou discurso. A autora, ao ressaltar esses aspectos,

entende que os gramáticos de base funcionalista consideram os seguintes paradigmas: a língua como instrumento de interação social e as estruturas linguísticas como interpretação das interações/relações. Além disso, o aspecto semântico é tido como base para a organização do texto e discurso, enfatizando as variações das línguas naturais. Desse modo, a linguística funcional, para explicar estratégias gramaticais, tem como base princípios de natureza cognitiva e comunicativa.

Para a abordagem funcionalista, há uma motivação natural entre forma e função. Nesse sentido, o princípio de iconicidade consiste na concepção de que há uma relação motivada entre o código linguístico e seu significado, ou seja, forma e função estão interligadas entre si. Essa ideia vai de encontro com a noção de arbitrariedade defendida por Saussure. Para esse linguista, a representação da realidade não está atrelada ao signo, uma vez que uma combinação de sons de uma determinada palavra não está ligada diretamente ao seu significado, ou seja, o significante é arbitrário, no sentido de ser construído por um grupo linguístico – convenção social. “[...] queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade. (SAUSSURE, 2008, p. 109)

Os linguistas funcionais defendem a noção de iconicidade, partindo do fato de que há uma relação semiótica entre o signo linguístico e a experiência vivenciada pelo falante, o que, na verdade, interliga esse processo com a cognição do homem. “Como a linguagem é uma faculdade humana, a suposição geral é a de que a estrutura linguística revela o funcionamento da mente, bem como as propriedades da conceitualização humana do mundo”. (CUNHA, 2015, p. 167). De acordo com Givón (1996 apud Brito 2016, p. 19), o princípio da iconicidade divide-se em três subprincípios: da quantidade, da proximidade e da ordenação linear.

O subprincípio da quantidade indica que quanto maior a quantidade de informação (conteúdo), maior será a quantidade de forma utilizada para gerar a mensagem. Nas palavras de Cunha (2001, p. 5): “a complexidade de pensamento tende a refletir-se na complexidade de expressão”. O subprincípio da proximidade consiste no entendimento de que o que está próximo no plano da cognição pode, também, ter aproximação no nível da sintaxe. Assim, é recorrente que sentenças com conteúdo sintático-semânticos próximos tendem a aparecer sequenciadas nos textos. Já o subprincípio da ordenação linear tem por base a ideia de que o falante seleciona, através da estrutura linguística, a informação que ele deseja topicalizar – informação mais importante/relevante para o ato comunicativo.

Quanto ao princípio da marcação consiste na relação entre elementos morfossintáticos e fonológicos. Um exemplo desse fato linguístico, no campo da morfologia, se dá através das formas singular e plural, tendo em vista que temos “meninos” [+ plural] marcada contrariamente a “menino” [- plural]. (CUNHA, 2015, p. 170). Nesse contexto, “As formas não marcadas são as mais frequentes no uso da língua e as que envolvem menos material linguístico” (KENEDY, 2018, p.147).

As formas não marcadas, conforme Cunha (2015), têm as seguintes características:

- Maior frequência de ocorrência nas línguas em geral e em língua particular;
- Contexto de ocorrência mais amplo;
- Formas mais simples ou menor;
- Aquisição mais precoce pelas crianças

Após essas considerações, passamos a tratar de gramaticalização e prototipicidade.

2.2 Gramaticalização e a teoria dos protótipos

Uma vez que a corrente funcionalista considera a língua como dinâmica, sendo a gramática, nesse contexto, adaptável às necessidades comunicativas de determinada comunidade linguística, surge a noção de gramática em construção. No livro “A gramática funcional”, Neves (1997) contextualiza o processo de gramaticalização, contemplando estudos com início na China (século X), França/Inglaterra (XVIII) e Alemanha/Estados Unidos (XIX). No entanto, o termo gramaticalização se popularizou partir de Meillet, no século XX, que conceituava o termo como uma transição de uma palavra autônoma para uma mais gramatical.

O processo de gramaticalização está essencialmente interligado a itens léxicos que passam a exercer funções sintáticas em determinados contextos. Isso significa afirmar que alguns léxicos gramaticalizados tendem a desenvolver novas funções gramaticais. Entende-se por gramaticalização:

um processo unidirecional segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver

novas funções gramaticais. Um processo em cujo final o elemento lingüístico tende a se tornar mais regular e mais previsível, pois sai do nível da criatividade eventual do discurso para penetrar nas restrições da gramática. (CAZÁRIO, MARTELOTTA & VOTRE, 1996. p. 24)

Assim, o princípio da gramaticalização promove alterações na sintaxe e semântica, no momento em que léxicos “estabilizados” passam a ter relações gramaticais mais específicas. Além disso, quando os autores se referem à gramaticalização como um processo unidirecional, significa afirmar que a mudança linguística ocorre a partir de um *continuum*, isto é, de formas menos gramaticais para mais gramaticais, não o inverso.

Cavalcante (2018), ao citar Hopper (1991), ressalta que a gramática de uma língua é sempre emergente, surgindo novas variantes de usos linguísticos, o que torna a linguagem mais fluida. Nesse contexto, situa-se a noção de que as classes de palavras não são categorias fixas, pois alguns léxicos se revestem de novas funções e novos sentidos conforme as pressões de uso. Nessa concepção, há princípios que indicam os estágios do processo de gramaticalização, são eles: estratificação > divergência > especialização > persistência > descategorização. Esses princípios demonstram que a gramaticalização ocorre gradualmente, definindo os elementos com maior ou menor grau de gramaticalização.

O princípio de **estratificação** diz respeito ao surgimento de novas formas funcionais que concorrem com as já existentes. Nesse processo de gramaticalização, uma nova camada não substitui a anterior, elas passam a coexistir e exercer funções similares.

A **divergência**, diferentemente da estratificação, corresponde ao processo de gramaticalização de uma forma lexical (clítico e/ou afixo) para uma gramatical, ou seja, a forma original permanece como uma categoria autônoma, podendo sofrer as mesmas mudanças que um forma lexical comum. Ainda convém lembrar que nesse estágio de gramaticalização há formas morfológicas e etimologicamente semelhantes, mas com funcionalidades diferentes.

Já a **especialização** refere-se ao fato de que algumas construções emergentes passam, paulatinamente, a serem formas obrigatórias. Isto é, determinadas estruturas linguísticas tornam-se recorrentes, atendendo às expectativas dos falantes. Assim, Cavalcante (2018) ressalta que o sistema linguístico é emergente e adaptativo, pois os interlocutores condicionam novas funções para formas existentes.

O processo de **persistência** ocorre quando uma forma gramaticalizada apresenta traços morfossintáticos da sua forma original.

Por fim, o estágio de **descategorização** está atrelado ao apagamento de características morfológicas e sintáticas de itens lexicais (nome, verbo, adjetivo), passando a assumir traços mais gramaticais (preposição, conjunção e advérbio).

A teoria da gramaticalização explica como ocorrem as mudanças de algumas categorias lexicais e gramaticais ao longo do tempo, enfatizando que novas formas/estruturas linguísticas surgem para atender as necessidades comunicativas do falante. Vale ressaltar que um fator de suma importância é a natureza da mudança, pois esta não ocorre de maneira repentina, mas sim gradualmente – perpassando por vários estágios. Sobre esse processo, Araújo (2013, p. 43) apoiada em Hopper e Traugott (2003), traz o conceito de *cline*, que “representam um caminho natural ao longo do qual as formas ou palavras mudam com o tempo”. No processo de mudança, que ocorre de forma lenta, um determinado item afasta-se, aos poucos, de suas características prototípicas e se aproxima de outras, como explica a teoria dos protótipos.

Há duas versões teóricas a respeito da noção de prototipicidade: a primeira é a versão clássica de Platão/Aristóteles, voltada para uma visão mais tradicional de categorias linguísticas, isto é, baseada em categorias distintas. A segunda é a de Wittgenstein, a qual apresenta concepções fundamentadas no funcionalismo, pautadas no uso da língua e que, nessa versão, os itens são não-destintos.

A visão clássica privilegia categorias rígidas, desconsiderando o fenômeno de flutuação de itens. Isso significa dizer que não há transferência de uma categoria a outra. Em contrapartida, na concepção de Wittgenstein, as classes de palavras se portam de maneira mais fluida, possibilitando uma integralização entre categorias distintas.

Em meados dos anos 70, com base no estudo, em psicolinguística, de Eleanor Rosch, considera-se protótipo o item mais representativo de um determinado conjunto. Ou seja, uma categoria é formada de vários elementos, sendo protótipos os elementos que apresentem mais traços de determinada categoria. Dessa forma, “uma certa instância seria tomada como o caso mais central, o exemplo mais representativo da categoria – o seu protótipo. O protótipo seria o melhor exemplar, assim julgado se possuísse as propriedades consideradas típicas da categoria”. (RIZZATTI, 2001, P. 16)

Nesse sentido, há uma estreita relação entre a teoria dos protótipos e a gramaticalização, uma vez que este processo acontece pela presença de uma fluidez categorial, um *continuum*.

Convém lembrar que, na teoria mais recente dos protótipos, os itens ambíguos, aqueles de difícil classificação, não são desconsiderados, como ocorria na visão mais clássica. Esses itens são enquadrados em categorias de acordo com suas características prototípicas, sendo, portanto, reconhecidos como “um gradiente entre os membros de uma dada categoria”. (ROZÁRIO, 2010, P. 9)

No próximo tópico, tratamos das propriedades comuns dos advérbios e conjunções, proximidade que dificulta uma distinção clara dessas categorias gramaticais.

2.3 Sobre as noções de advérbio e de conjunções

Como os advérbios e conjunções são classes que apresentam características semelhantes - a exemplo da invariabilidade e de poderem estabelecer relações de tempo na estrutura oracional, é natural que isso gere dúvidas quanto a sua classificação. Por isso, tecemos considerações a respeito de ambas as categorias. Apresentamos alguns conceitos, partindo da tradição até chegarmos à visão mais funcionalista desses itens.

Comumente, os linguistas apontam falhas e contradições em relação a certas definições encontradas nas gramáticas normativas e, conseqüentemente, reproduzidas em materiais didáticos e nas aulas de língua portuguesa – e a classe dos *advérbios* enquadra-se nessa situação. Para nortear a reflexão, apresentamos, em primeira instância, algumas definições propostas por gramáticos:

Quadro 1. Definições tradicionais de advérbios

I. “palavra que caracteriza o processo verbal, exprimindo circunstâncias em que esse processo se desenvolve”. (CIPRO NETO, 2003, p. 263)
II. “palavra invariável que se relaciona ao verbo para indicar as circunstâncias (de tempo, de lugar, de modo etc.) em que ocorre o fato verbal”. (FERREIRA, 2009, p. 293)
III. “expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição, etc.) e desempenha na oração a função de adjunto adverbial”. (BECHARA, 2009, p. 287)

Fonte: Elaborado pelo autor

Essas definições centram-se no caráter morfossintático dessa categoria gramatical, destacando sua invariabilidade e função de adjunto verbal. Algumas limitações podem ser indicadas: do ponto de vista morfológico, essa classe se caracteriza por não permitir flexão de gênero e número; no entanto, a gramática

normativa separa um tópico para abordar os graus (comparativo e superlativo) dos advérbios, fenômeno que a própria tradição considera como flexão. Logo, essa classe gramatical sofreria variação, deixando, portanto, de ser invariável. Sobre isso, Azeredo acrescenta: “alguns advérbios que não indicam situação ou posição definida no espaço/tempo são passíveis de gradação, exatamente como os adjetivos³ [...]” (AZEREDO, 2014, p. 196).

Quanto ao aspecto sintático, Bechara (2009) observa que a função de *modificar* outras classes é um tanto problemática, uma vez que não há uma homogeneização desse critério, pois, o *advérbio* está essencialmente ligado ao verbo, mas pode modificar um adjetivo – dentro de um grupo nominal – a (ou) um advérbio (com a função intensificadora) e até mesmo a um substantivo. Diz o autor:

Em geral, seu papel na oração se prende não apenas a um núcleo (verbo), mas se amplia na extensão em que se espalha o conteúdo manifestado no predicado. Isto lhe permite, em primeiro lugar, certa flexibilidade de posição não só no espaço em que se prolonga o predicado (com seu núcleo verbal), mas se estende aos domínios do sujeito, podendo anteceder-lo ou vir-lhe posposto. (BECHARA, 2009, p. 290)

Como essa classe de palavra é muito heterogênea, torna-se difícil formar um conceito uniforme e coerente. Por isso, Bechara subdivide a classe em circunstâncias adverbiais. Também Perini (2007) questiona a função de *modificação*, noção que, para ele, é obscura. Sobre isso, esclarece:

Seria um misto de semântica e sintaxe. Semanticamente, “modificação” significa que um advérbio teria seu significado amalgamado ao de um outro elemento, formando um todo semanticamente integrado; assim digamos, *corremos* exprime uma ação, e *corremos depressa* exprime a mesma ação, acrescida de algum ingrediente de significado. Tanto *corremos* quanto *corremos depressa* seriam unidades no plano semântico. (PERINI, p. 340)

Conforme Perini (2007), essas informações são um tanto vagas, apesar de serem corretas. No entanto, isso não ajudará a conceituar/ caracterizar o advérbio de forma sistemática e completa, tendo em vista que o critério de “modificar algo” também se aplicaria a outras classes de palavras. Além disso, o teórico acrescenta que a tentativa de

³ Azeredo (2010) ainda acrescenta que alguns adjetivos podem vir precedidos de um advérbio de intensidade – muito cedo – ou receber um sufixo de grau, a exemplo do coloquial “inho” (cedinho) e do formal “íssimo”, uso restrito a alguns advérbios (tardíssimo).

definir advérbio em termos do elemento “modificar” é adotada por autores não tradicionais, por falta de uma melhor alternativa que contemple o uso multifuncional dos advérbios.

Tomando como exemplo o advérbio **agora**, nas gramáticas tradicionais, como as de Cipro Neto (2003), Ferreira (2009) e Lima (2011), este é enquadrado na categoria de tempo, não há, porém, comentários a respeito da sua multifuncionalidade. Bechara (2009, p. 288) faz a observação de que alguns advérbios precedidos pelo transpositor **que** funcionam como conjunção e cita como exemplo: “**Agora que** tudo serenou, podemos retornar”.

No intuito de ampliar a discussão sobre o item **agora**, Neves (2000, p. 265), analisando a extensão de sentido que o advérbio pode operar na oração, exemplifica várias situações que demonstram a multifuncionalidade semântica desse item. Segundo a autora, o **agora** exprime tempo não-cronológico, sem ligação com o calendário, como veremos:

1. **Agora** = neste momento “Só AGORA é que a senhora se lembrou disso?”
2. **Agora** = na época atual “Estava dizendo um matuto, na venda, que Aparício anda AGORA com mais de duzentos homens.”
3. **Agora** = nesse momento ou período, prolongando-se para o momento seguinte a este; “Mas vamos passar AGORA à parte principal do nosso programa.”
4. **Agora** = no momento, período imediatamente anterior a este; “E AGORA houve uma mula que tenha parido?”
5. **Agora** = nos últimos tempos. “A vida da gente é esta mesma que está aqui e o melhor é acabar com ela. E AGORA aparece menino novo, para ainda mais me sucumbir.”

Esses usos do advérbio revelam determinações aspectuais interligadas ao sentido de tempo, resultando em subclasses temporais. Nesse contexto, o item **agora** não delimita apenas um período, mas abarca um período menor e/ou maior que pode apresentar a ideia de presente, passado e futuro.

Castilho (2019, p. 581), por sua vez, utiliza como exemplo os advérbios **antes**, **agora** e **consequentemente** para se referir ao encadeamento de orações e afirma que advérbios dêiticos de lugar e de tempo conectam sentenças complexas e unidades discursivas. Conforme o autor, esses itens: “(i) ligam segmentos; (ii) localizam esses

segmentos no tempo e no espaço do discurso; (iii) estabelecem relações de causa e consequência”. (CASTILHO, 2019, p. 581)

Tratando do estatuto categorial do advérbio **agora**, esse autor esclarece que o item se enquadra na categoria de tempo e situação, exercendo a função de conector textual, interligando unidades discursivas.

Nessa concepção, a classe dos advérbios possui dimensões discursivas e pragmáticas, uma vez que essa categoria pode funcionar como juntor, portanto, como conjunção, além de nortear o eixo argumentativo do texto.

Em relação à classe das conjunções, trazemos as seguintes definições apresentadas no quadro a seguir:

Quadro 2. Definições tradicionais de conjunções

I. “Palavra invariável que liga duas orações e duas palavras de mesma função em uma oração”. (FERREIRA, 2007, p. 311)
II. “Conjunções são palavras que relacionam entre si: dois elementos da mesma natureza; duas orações de natureza diversa, das quais a que começa pela conjunção completa a outra ou lhe junta uma determinação”. (ROCHA LIMA, 2011, P. 234)

Fonte: Elaborado pelo autor

No que concerne às definições tradicionais, não há diferenças significativas entre elas. Ambas baseiam-se no aspecto formal. No entanto, a segunda definição permite a distinção entre conjunções coordenativas e subordinativas, já que faz menção a elementos de mesma natureza, em que os termos relacionados à oração são independentes (período composto por coordenação), como também retrata de elementos de natureza diversa e mais dependentes (período composto por subordinação). Além disso, os gramáticos acrescentam que quando uma conjunção é constituída de mais de uma palavra, a exemplo de *assim que*, denomina-se locução conjuntiva.

De modo geral, as conjunções são divididas de acordo com o tipo de mecanismo de articulação oracional: coordenação e subordinação. As conjunções coordenativas conectam termos ou orações que fazem parte do mesmo grupo sintático (AZEREDO, 2014, p. 294); quanto às subordinativas adverbiais, introduzem as orações que funcionam como adjunto adverbial da oração principal. A gramática tradicional subdivide tais orações em dez tipos: causas; comparativas; concessivas; condicionais; conformativas; consecutivas; temporais; finais e proporcionais.

Bechara (2009, p. 322) distingue três tipos de conectores (ou conjunções coordenativas): aditivas – indicam que as unidades são marcadas por uma relação de

adição; alternativas – as unidades têm valor semântico de alternância; adversativas, as quais conectam unidades com valor opositivo entre elas. Para ele, o que a tradição denomina de conjunções explicativas e conclusivas são unidades adverbiais, uma vez que possuem “aspecto de certa proximidade de equivalência semântica”.

Assim como Bechara, Castilho (2019) considera que as conjunções coordenativas propriamente ditas são a de adição, alternância e adversidade, enquanto os outros elementos de ligação oracional são advérbios que ainda estão em processo de gramaticalização. Ao tratar sobre gramaticalização de conjunções, no tópico relativo à *junção* como propriedade textual, o autor se refere a Beugrande (1980) para indicar três propriedades das conjunções: i) “conjunção: junção de pelo menos dois elementos cujo contexto é visto aditivamente”; ii) “Disjunção: dois elementos cuja relação com o contexto é alternativa” e iii) “Contrajunção: elementos relacionados antagonicamente com o contexto (mas, contudo, todavia etc.)”. (CASTILHO, 2019, p 340).

Também Neves (2000), pela perspectiva funcional, denomina elementos como: *todavia, entretanto, contudo* de advérbios juntivos. Ela argumenta que esses itens têm o mesmo comportamento que a conjunção coordenativa *mas*, o que a diferencia é, na verdade, a mobilidade que o advérbio tem na estrutura oracional. Além disso, essa autora esclarece “que os elementos adverbiais são fontes de **conjunções coordenativas**, e que são fluidos os limites entre um papel semântico-discursivo e um papel basicamente relacional de tais elementos”. (NEVES, 2000, p. 273)

Ainda, conforme a referida autora, os advérbios juntivos podem estabelecer relações semânticas de desigualdade entre os elementos conectados, perpassando pela noção de contraste.

Em se tratando da conjunção **enquanto**, objeto de análise da nossa pesquisa, enquadra-se no grupo de palavras que indicam o tempo concomitante e podem significar “durante o tempo em que”, conforme a tradição gramatical. Acrescente-se, que, segundo Neves (2000), esse item, em contextos específicos, pode ter o aspecto semântico de tempo minimizado ou anulado e passa a indicar ideia de contraste. Ressalta a autora que “Essa simultaneidade pode favorecer a minimização – ou até anulação (NEVES, 2000, p. 800).

Convém esclarecer que o estudo da conexão de orações, na perspectiva formal, considera o período composto apenas como uma divisão oracional, classificando as orações em conformidade com o tipo de conjunção que as introduzem; não contempla,

assim, fatores de ordem sintático-semântico-pragmático dos conectivos que fazem o encadeamento de unidades e/ou orações, conforme ressalta Constâncio (2019).

A seguir resenhamos trabalhos que analisam os itens *agora* e *enquanto* na perspectiva funcional. Já em nossa pesquisa, verificamos as recorrências desses itens nos gêneros entrevista e reportagem e quais as motivações para tais usos.

2.4 Estudos funcionalistas sobre o *agora* e o *enquanto*

Para explicar o funcionamento dos itens em análise, nos reportamos a dois trabalhos de base funcionalista: Oliveira (2018) – uma tese que trata do processo de gramaticalização do advérbio **agora** a partir de uma abordagem pancrônica, levando em consideração funções sintático-semântico-discursiva. E Longhin (2016) – uma pesquisa a respeito da mudança semântica do juntor *enquanto* (*que*), o qual passa por um processo de reanálise, pois, a priori, esse elemento possui valor temporal (característica prototípica) e em algumas situações é revestido com valor de adversidade.

Ao retratar como ocorre o processo de gramaticalização do **agora**, Oliveira (2018) enfatiza que há diversas funções para uma mesma forma. Os dados coletados revelam que a função de *adjunto adverbial de tempo* foi a predominante, em segundo lugar, também recorrente nos textos analisados, foi a função de *conector*. O emprego como *marcador discursivo* teve menos aparições nos textos. A multifuncionalidade do item é ilustrada nos diferentes contextos linguísticos, como mostram os três exemplos abaixo, citados pela autora (Oliveira, 2018, p. 99-100):

1. “[...] A todos estes dons ajuntou o de pureza virginal, que aguardou inviolável até a morte, e com o qual mereceu assistir **agora** diante do trono de Deus, seguindo ao cordeiro sagrado para onde quer que vai.”
2. “[...] que esforço seu, pois os que então uma vez, sem pelejar, lhes fugiram, **agora**, tantas vezes os faziam fugir pelejando.”
3. “[...] Quando mesmo a sentença não fosse justa, estamos certos que a intenção que a ditou foi da mais vigorosa equidade. **Agora**, meu amável leitor, até 1º de abril”.

No primeiro contexto, o advérbio tem os seus traços prototípicos, revelando valor de circunstância de tempo, conforme o que é prescrito pela tradição. No segundo, o item tem a função de conector, funcionando como advérbio juntivo, com ideia de contraste. Já na última situação, o advérbio é uma marca de interação, de pragmatismo.

Para demonstrar o comportamento semântico-pragmático do item, que se reveste de novas funções marcadas como + prototípica a - prototípica, a pesquisadora apresenta um quadro que contempla as subfunções do item nos três contextos.

Quadro 3: funções do *agora*

FUNÇÕES DO AGORA	SUBFUNÇÕES
Dêitico temporal	Com valor de presente; Com valor de presente/passado; Com valor de presente/futuro
Conector/juntor	De oposição/contraste; De causalidade/conclusão; De adição
Marcador discursivo	De mudança de foco/turno/assunto; De abertura de turno/tópico

Fonte: Oliveira (2018, p. 98)

O item **agora** como função de dêitico temporal indica circunstância de tempo (passado-presente-futuro). Pode significar *atualmente, neste momento* etc. Dessa forma, esse valor temporal, designado ao advérbio mencionado, tem a função mais prototípica, seguindo a tradição gramatical. Ou seja: “palavra invariável que modifica essencialmente o verbo, exprimindo uma circunstância”. (SACCONI, 1994, p. 252)

Como conector/juntor, o item **agora** se reveste de funções mais textuais, promovendo a conexão entre orações, por intermédio de relações semânticas contrastivas. Nas palavras de Oliveira (2018, p. 108): “Na posição de conector/juntor, o item se reanalisa para funções mais textuais, com a função de adicionar listas, contrapor informações, unir proposições que contrastam”.

Por fim, o funcionamento do **agora** como marcador de discurso atua na organização do discurso, promovendo relações intratextuais (fatores extralinguísticos). Oliveira (2018, p. 115), ressalta que o advérbio, exercendo essa função, tem traços de + circunstanciador amenizados ou apagados.

A pesquisadora ainda destaca que em meados do século XIV até o século XX, em textos escritos, a estrutura e função linguística têm motivações por diacronia. Isso significa dizer que na posição anteposta ao verbo (AV,) o item assume, predominantemente, relação semântica de tempo. Já na posição inicial na oração (IO) é mais recorrente o funcionamento do item como juntor/conector - promovendo o encadeamento oracional e marcador discursivo.

Cabe ressaltar que o item **agora** com função textual ocorre paralelamente a de tempo. Assim, o processo de gramaticalização dessa categoria acontece gradativamente, seguindo a ordem tempo > texto > discurso. Sendo assim, a mudança linguística segue a trajetória: advérbio > conjunção > marcador, em que o item em processo de gramaticalização passa a ter características de + referência para – referência.

Quanto ao estudo sobre o **enquanto**, Longhin (2016) refere-se a Maurer (1959) e Câmara (1975), para contextualizar o tema sobre a junção contrastiva no português. Menciona ainda a língua latina para explicar a evolução do advérbio *magis*, que originalmente indica circunstância comparativa e passa a ter funções argumentativas (conexão de orações com valor de contraste), resultando no *mas* – conjunção coordenativa de adversidade. Dessa forma, salienta:

[...] os juntores contrastivos (porém, no entanto, entretanto, contudo, todavia, só que, agora, já, ao passo que) são criações vernáculas mais e menos recentes, provenientes da reanálise de material da própria língua, via processos de mudança por gramaticalização, que afetam a categoria e os significados, ou via processos de mudança semântica, que afetam somente os significados. (LONGHIN, 2016, p. 265)

Longhin se baseia na Teoria da Inferência Convidada (IITSC), segundo a qual o processo de mudança linguística ocorre quando o interlocutor faz inferências para se comunicar. O significado inferido pode ser ampliado, resultando em uma inferência generalizada, a qual está interligada à recorrência de uso no processo de mudança. Desse modo, a inferência generalizada perpassa pela *semantização e convencionalização*, em que o significado não se restringe a contextos específicos. Assim, a pesquisadora esclarece que “parte de um significado codificado, avança para um significado pragmaticamente inferido, segue para a generalização da inferência e culmina em um novo significado codificado”. (LONGHIN, 2016, p. 265-266)

Os resultados da autora mostram que as diversas situações comunicativas tiveram um papel fundamental para analisar as motivações de mudança linguística. Assim, o princípio da subjetivização contribuiu significativamente para o processo de reanálise semântica, uma vez que a mudança linguística está associada ao comportamento linguístico-social do falante.

Para tratar da noção de contraste, Longhin (2016) revisita a proposta de Lang (2000), que realiza um estudo de conexão dos termos *but* (inglês) e *aber* (alemão). Essas ocorrências linguísticas – exemplares de oposição semântica – auxiliam na análise

das construções *enquanto* (*que*), uma vez que Long divide o seu trabalho considerando fatores de ordem morfosintáticas, pragmáticas e discursivas. Sobre os conectivos adversativos, Longhin (2016, p. 270) contempla dois postulados de Lang:

- 1) Os conectores adversativos contêm inerentemente indicadores de informação prévia disponível a partir de contexto e, devido a isso:
- 2) Os conectores adversativos necessariamente envolvem algum ‘recoo’ (rastreamento ao que foi dito anteriormente) que pode ir muito além do domínio da estrutura da oração e operar sobre o nível da ‘progressão textual’ ou ‘perspectiva discursiva’.

Historicamente, a conjunção *enquanto* funcionava como pronome interrogativo e indefinido. *Quanto* é pronome quantificador indefinido, já *enquanto* é a junção do pronome interrogativo + quantificador. Ao longo do tempo, *quanto* foi se apropriando do sentido de quantidade indefinida de tempo, até que, por razões contextuais, houve a junção de *quanto* com a preposição *em*, resultando no que a gramática tradicional categoriza de conjunção subordinativa com referência temporal.

Para explicar os três valores semânticos do *enquanto*, Longhin (2016) utiliza os termos **fonte**; **dupla** e **alvo**. O termo *fonte* é usado na referência aos contextos em que o *enquanto* é compatível apenas com o sentido de temporalidade. *Dupla*, como o próprio nome sugere, usado para indicar a coexistência dos valores de tempo e contraste. Já o *alvo* remete aos casos em que há compatibilidade apenas de valores contrastivos.

No que diz respeito ao processo histórico de mudança semântica do juntor *enquanto* (*que*), contempla quatro estágios. Para entendermos a migração de sentido de tempo para o valor contrastivo, seguem quatro exemplos citados por Longhin (2016, p. 290-291):

1. “E dom Fernam Rodriguez foi pera la quanto pode, e travou no peom, e **enquanto** o matava, fugio ela pera casa (14NL) [...] e **enquanto** o matava, ela fugiu pera casa]”
2. “E **em quanto** faziamos a lenha, faziam dous carpinteiros huua grande cruz dhuu paao que se ontem pera ysso cortou (15CC)”
3. “(...) o cafeeiro exposto ao poente não produz bem (...) enquanto o exposto ao nascente e batido pelos raios do sol oferece grãos verdes dourados, amarelados (19BCH, 39)”
4. “É ferramenta de mudança esse direito feito pelo legislador **enquanto** era arma de conservação (relativamente) o direito lenta e naturalmente segregado pela sociedade. (20RFD, 28)”

O primeiro exemplo representa o **estágio I**, referente ao significado original do *enquanto*. Ou seja, esse item é uma conjunção subordinativa temporal que indica uma relação de simultaneidade entre a oração principal e a subordinada. O segundo ilustra o **estágio II**, que se leva em consideração a inferência pragmática: diferença. Isso significa dizer que o *enquanto* ainda encabeça orações subordinadas, mas se contextualiza por meio da comparação de conteúdo. O terceiro exemplo, relativo ao **estágio III**, revela a coexistência de sentidos de diferença, oposição, resultando no enfraquecimento/apagamento de traços temporais. Por fim, a última ocorrência remete ao **estágio IV**, em que há uma reanálise sintático-semântica, uma vez que as construções com *enquanto* exercendo a função de contraste por oposição envolve graus diferentes de objetividade e subjetividade. Nesse contexto, o sentido de simultaneidade temporal é incompatível, prevalecendo, portanto, o valor de contraste.

Desse modo, o processo de mudança de significado desse item perpassa pelos estágios **simultaneidade > comparação > diferença > oposição**, tendo em vista que a pragmática contribuiu significativamente para esse procedimento, pois as construções de simultaneidade temporal passaram a ter valor de comparação para, enfim, chegar a contrastividade.

Diante disso, os eventos linguísticos que indicam ocorrência de tempo simultâneo podem apresentar percepção de similaridades e diferenças. Na intenção comunicativa, o estágio da **diferença** é posto em primeiro plano, levando o item a estabelecer relação semântica de contraste.

3 INVESTIGANDO OS USOS DE *AGORA* E *ENQUANTO* NOS GÊNEROS JORNALÍSTICOS

O estudo da língua, por muito tempo, se desenvolveu a partir de análises de frases descontextualizadas/fragmentadas que objetivavam o reconhecimento e classificação das palavras. Conseqüentemente não se priorizava o estudo da análise linguística nem o estudo da variação linguística, observando os fatos linguísticos em situações reais de comunicação.

No que concerne às formas gramaticais responsáveis por estabelecer relações de adversidade na Língua Portuguesa, a visão tradicionalista indica as conjunções coordenativas, não abarcando formas alternativas que exerçam essa mesma função. Em razão disso, nesta análise, focalizamos as ocorrências de uso do advérbio **agora** e da conjunção **enquanto** com atenção para as novas funções assumidas.

Ao quantificarmos as ocorrências dos dois itens nas entrevistas e nas reportagens, nas 10 (dez) edições da VEJA/ 2019, obtivemos, no geral, os seguintes resultados:

i) maior ocorrência do **agora** em comparação ao **enquanto**, como consta na tabela (1);

Tabela 1: Distribuição das formas gramaticais conforme os gêneros

	Advérbio AGORA	Conjunção ENQUANTO
Entrevista	23	9
Reportagem	138	83
Total	161	92

Fonte: Elaborado pelo autor

Vale ressaltar que o número de ocorrência ⁴dos itens nas entrevistas é menor (23 **agora**/ 9 **enquanto**) em comparação às reportagens (138 **agora**/ 83 **enquanto**), porque o número de entrevistas consultadas (22) é inferior ao de reportagem (98).

ii) maior ocorrência do **agora** com valor temporal:

⁴ Apesar da diferença numérica das ocorrências entre os gêneros, o volume de informações é aproximado; porque a entrevista, normalmente, tem de três a quatro páginas, enquanto a reportagem tem em torno de duas páginas.

Tabela 2: Frequência do **agora** conforme as funções e o gênero

	Adjunto de tempo	Conjunção contrastiva
Entrevista	13	10
Reportagem	94	44
Total	107	54

Fonte: Elaborado pelo autor

Conforme já afirmado, embora o advérbio **agora** faça parte do grupo de palavras que indicam temporalidade, há contextos específicos em que esse item liga orações e estabelece valor de contraste. Como podemos constatar, das 161 ocorrências, 107 correspondem a advérbio de tempo e 54 à conjunção adversativa, confirmando que esse item ganhou nova função; ou seja, passou de uma forma gramatical para uma mais gramatical, atuando na coesão textual. Desse modo, ao ocorrer o processo de gramaticalização, por estratificação, duas formas linguísticas coexistem para um mesmo elemento, sem que uma necessariamente anule a outra.

iii) predomínio do uso do **enquanto** como conjunção com valor de tempo:

Tabela 3: Frequência do enquanto conforme as funções e o gênero

	Conjunção temporal	Conjunção contrastiva
Entrevista	6	3
Reportagem	47	36
Total	53	39

Fonte: Elaborado pelo autor

Como vemos, prevalece o valor de **tempo** expresso pela conjunção. Isso ocorre devido ao princípio de persistência, o qual conserva características do significado fonte em relação ao termo gramaticalizado, confirmando a afirmação de Brito (2016, p. 31) de que “Após passar pelo processo de gramaticalização, o termo continua a apresentar vestígios de seu significado original”. Além disso, da mesma forma que o item **agora**, a conjunção **enquanto** também assume valor opositivo, coexistindo, portanto, duas funções: a de tempo e contraste.

Para melhor compreensão do comportamento desses elementos, apresentamos, nos próximos tópicos, construções introduzidas por eles. Em (3.1), abordamos o **agora**; em (3.2), o **enquanto**.

3.1 Construções com *agora*

Observemos inicialmente os usos do **agora** no gênero entrevista: com valor temporal (ocorrências 1 e 2) e com valor adversativo (ocorrências 3 e 4). Vejamos os dados⁵ selecionados:

- Ex. (1): Por que políticos autoritários têm sido eleitos no mundo? Há casos relevantes, como nos Estados Unidos, Brasil, Turquia, Filipinas e talvez Índia. Mas os autoritários sempre estiveram por aqui. O que parece ocorrer **agora** é uma tendência crescente de vitória eleitoral de *outsiders* populistas, dos quais muitos são extremistas. (E - **Bolsonaro é uma ameaça** – Veja, 11/12/19)
- Ex. (2): A senhora já sofreu discriminação? Não que eu saiba, mas tenho certeza de que já aconteceu pelas minhas costas. Tive muita sorte e, **agora**, minha atuação é para que a nova geração não tenha de passar pelos problemas que minhas contemporâneas enfrentaram. (E – **O oceano é democrático** - Veja, 18/12/19)

Nos dois trechos acima, temos exemplos do **agora** indicando circunstância de tempo. Em (1), que aborda a respeito de governos totalitários que conseguem se eleger devido ao discurso populista, o advérbio significa *nesse momento, atualmente* – ou seja, possui traços prototípicos de temporalidade e circunstaciador.

Em (2), na entrevista cujo tema central é a diversidade esportiva no mar, sem discriminar pessoas pela cor e/ou gênero, o **agora** está demarcando um tempo não cronológico, sem ligação com o calendário, conforme ressalta Neves (2000).

Passemos as ocorrências com valor de contraste:

- Ex. (3): O triunvirato composto do PSDB, que fica com a presidência; do PT, com a primeira secretaria; e do DEM, com a segunda secretaria. É assim há trinta anos, estão todos esses sempre lá. Durante a campanha, o governador João Dória atacou o opositor Márcio França chamando-o de “petista”. Era a mais grave das acusações. **Agora**, o Dória fecha acordo com o partido que demonizou”. (E - **Estou preocupada**- Veja, 20/03/2019)
- Ex. (4): Em um momento inicial, muita gente disse que o PT e a esquerda tinham sumido. É natural que a oposição, se tiver juízo, recolha o trem de pouso e deixe o presidente governar. Também é natural que críticas surjam a partir de seis meses de governo, com medidas sendo adotadas ou não. **Agora**, penso que nós devemos apresentar propostas concretas para que o Brasil retome o desenvolvimento. (E - **O PT precisa mudar** – Veja, 18/09/19)

⁵ Para indicarmos o gênero textual em análise, utilizamos as siglas **E** (entrevista) e **R** (reportagem).

Em (3), temos um trecho de uma entrevista a respeito da retórica da advogada Janaína Paschoal e sobre a sua defesa em relação ao afastamento do ministro do Turismo. A noção de contraste do **agora** ocorre por pressão de informatividade, pois a passagem de tempo para oposição é marcada pela oposição entre passado e presente. Nesse sentido, a nuance de contrariedade é evidenciada.

Em (4), temos a informação de que o governador da Bahia, Rui Costa, cogita a candidatura da presidência do Brasil, em 2022. A relação de contraste é construída quando se pensa na relação semântica opositiva das frases “recolher o trem de pouso e deixe o presidente governar” e “penso que nós devemos apresentar propostas concretas para que o Brasil retome o desenvolvimento”. Parafraseando o enunciado, teríamos:

4’: “É natural que a oposição, se tiver juízo, recolha o trem de pouso e deixe o presidente governar, **mas** penso que nós devemos apresentar propostas concretas para que o Brasil retome o desenvolvimento”.

Devido aos traços composicionais do gênero, a entrevista é mais suscetível a mudanças e variações linguísticas, em razão de ser um gênero que possui características da língua falada (oralidade); por isso, é natural o uso do advérbio **agora** com múltiplas funções: adjunto temporal e nexos contrastivos. Nesse contexto, a forma é utilizada em prol a uma função. Ou seja, estrutura linguística e sentido estão à disposição do usuário da língua para que ele alcance os seus objetivos no ato interacional.

Com relação às ocorrências do **agora** com valor temporal nas reportagens, analisemos os dois casos abaixo:

Ex. (5): Quanto à tecnologia: do Plano de Collor, lançado em março de 1990, até **agora**, a área plantada com grãos no país aumentou 65% e a produção cresceu 37%. Se tivéssemos a mesma produtividade de grãos por hectare do tempo do Plano Collor, além do que hoje é cultivado (62 milhões de hectares), seria necessário desmatar e plantar outros 92 milhões de hectares para colher a safra deste ano”. (**R - A fome destrói a paz** – Veja, 02/01/2019)

Ex. (6): Desde 1896, na primeira Olimpíada da era moderna, até a edição de 1932, o torneio premiava os bravos atletas que conseguiam chegar ao topo de uma torre de 15 metros pendurados em um cabo de fibra natural. A modalidade caiu em esquecimento porque soava estranha demais aos novos humores do século XX – até que, **agora**, renasceu com uma prima, a escalada esportiva. (**R - Nós somos jovens** - Veja, 02/01/2019)

O primeiro fragmento é de uma reportagem que aborda os desafios da população sobre a oferta de alimentos de qualidade, destacando que é preciso investir em ciência, tecnologia e segurança jurídica. Neste, a ideia de tempo é reforçada pela presença da preposição **até**, que expressa, nessa situação, um limite de tempo estabelecido. No segundo fragmento, que retrata sobre a inclusão, na olimpíada de 2020, de modalidades esportivas radicais, como o surfe, skate e escalada, ocorre o mesmo, pois a circunstância de tempo fica em evidência devido à posição posposta do **agora** ao **até que**.

O valor contrastivo é visível nos trechos abaixo:

Ex. (7): O grupo, que tem cerca de 150 deputados, é comandado por astutos craques do fisiologismo. Durante a campanha, Bolsonaro disse que não queria papo com essa turma. **Agora** terá de, pelo menos, ouvi-la. A derrota de Renan, como se vê, não é exatamente o sepultamento da velha política”. (R - O primeiro round - Veja, 13/02/2019)

Ex. (8): Entre os destinatários do recado estava o próprio Bolsonaro. “Se o presidente apoiar as coisas que podem resolver o Brasil, estarei aqui. **Agora**, se o presidente ou a Câmara, ninguém quer aquilo, eu vou obstaculizar o trabalho dos senhores? De forma alguma, voltarei para onde sempre estive”, declarou o ministro”. (R- Não vai rir, não? - Veja, 03/03/19)

O trecho (7) aborda a questão de que aliados do governo vão comandar a Câmara e Senado, resultando no enfraquecimento do MDB. O **agora**, presente no enunciado, perpassa por um processo de reanálise categorial, uma vez que o item, pelo contexto situacional, indica oposição de ideias. Isso é possível perceber porque “não querer papo com a turma” e “pelo menos, ouvi-la” revelam duas situações contrastivas, e o advérbio vem encabeçando o novo enunciado, com a informação oposta.

A informação do excerto (8) é de que o governo tenta recuperar o apoio do Congresso e salvar a Previdência. Também nesse caso, percebemos a função conectiva do item destacado, que liga dois segmentos estabelecendo relação semântica de contrariedade. Dessa forma, ao parafrasear o enunciado, teremos:

8’: “Se o presidente apoiar as coisas que podem resolver o Brasil, estarei aqui, **mas** se o presidente ou a Câmara, ninguém quer aquilo, eu vou obstaculizar o trabalho dos senhores?”

O **agora** pode facilmente ser trocado pela conjunção adversativa **mas**, mostrando, assim, que na língua há elementos de categorias diferentes exercendo a mesma função. Isso ocorre devido ao processo de estratificação pois “as camadas

antigas não são necessariamente descartadas, mas podem permanecer coexistindo e interagindo com as novas camadas”. (OLIVEIRA, 2018, P. 53)

A reportagem possibilita que o autor do texto opine sobre determinada temática, interpretando os fatos de acordo com a sua ideologia. Dessa forma, supomos que, ao utilizar formas linguísticas variadas, o falante, intencionalmente, escolhe certas estruturas que melhor atendem as suas expectativas.

Nos exemplos (1), (2), (5) e (6), o advérbio **agora** indica a temporalidade dos fatos, apresentando traços de (+referência temporal), (+mobilidade) e (+circunstanciador). Essas características, conforme a amostragem de dados, foram predominantes nos gêneros em análise.

Nas estruturas (3), (4), (7) e (8), o termo tem a função de interligar dois segmentos com ideias revestidas de adversidade, mostrando o traço de opositor. Por isso, Neves (2000) faz uso da denominação “advérbios juntivos”. Desse modo, o **agora** recebe os traços de (+conector), (+textual) e (+opositor).

Desse modo, respondendo à questão inicial desta pesquisa, a respeito da passagem da função de adjunção do item **agora** para a de conjunção, depreendemos que a gramaticalização desse advérbio ocorre a partir do processo espaço (tempo) e passa a assumir função de juntor, já que tem o papel de articular partes do texto, sequenciando o fluxo de informações.

3.2 Construções com *enquanto*

Nos dados abaixo, contemplamos as ocorrências no gênero entrevista em que a conjunção **enquanto** imprime o valor de tempo, seu sentido originário:

Ex. (9): Nacer durante o Rock in Rio de 1985 marcou o seu destino como músico? Meu pai fez um show na madrugada do dia 13 de janeiro, **enquanto** na coxa minha mãe (*a empresária Flora Gil*) já sentia contrações. (E - **Dois anos sem folga** – Veja, 02/01/19)

Ex. (10): Sua gravadora, a Som Livre, acalenta a ambição de fazer de Luan Santana o novo Roberto Carlos. Isso o assusta? Não paro para pensar nisso. Sou um grande fã do Roberto Carlos. Para mim, ele é o único rei. As comparações surgem porque, assim como Roberto, eu não tenho medo de falar de amor nas minhas canções, muito menos de gravar uma música com piano e voz, **enquanto** todo mundo investe nos ritmos dançantes do momento, como a bachata e o arrocha. (E - **Namoradinho do Brasil** – Veja, 23/10/2019)

No trecho da entrevista, ilustrado em (9), o filho de Gilberto Gil fala sobre sua agenda como produtor artístico. O período apresenta duas ações que acontecem ao mesmo tempo; logo, o **enquanto**, nesse contexto, indica simultaneidade temporal. Da mesma forma, no trecho seguinte, em que o cantor Luan Santana fala sobre a sua popularidade nas redes sociais e a respeito de sua jornada no sertanejo, temos duas situações que ocorrem concomitantemente ligadas pela conjunção **enquanto**.

Quanto às do **enquanto** com valor contrastivo, vejamos:

Ex. (11): É mais fácil gerir uma empresa privada ou administrar uma repartição pública? Administrar uma empresa privada é muito fácil. No governo, a tomada de decisão é lenta, **enquanto** na iniciativa privada ela é mais rápida. Mesmo as estatais, que têm um bom quadro de pessoas, não conseguem ser muito ágeis. (**E - Estou frustrado** – Veja, 03/04/2019)

Ex. (12): O Brasil é apontado como um país com alto índice de uso de agrotóxicos nas videiras. Como o senhor vê essa questão? É alarmante no mundo todo. No Brasil, utilizam-se mais agrotóxicos porque a umidade é elevada. **Enquanto** na França se trata a planta uma ou duas vezes por ano, aqui o uso é quase mensal. (**E - O mestre do vinho** – Veja, 25/12/2019)

No excerto (11) fala-se sobre a decepção do secretário de Desestatização a respeito dos recuos do governo e resistências contra as privatizações. Nesse texto, há pressões contextuais que promovem a relação contrastiva do item **enquanto** através da dualidade entre “privada/pública” e “lenta/rápida”.

No trecho da entrevista, em (12), menciona-se que produtores nacionais ignoram os avanços da vitivinicultura no exterior, resultando na alta de impostos do vinho. A relação de oposição inferida das duas informações ligadas pelo **enquanto** se dá através da comparação entre Brasil e França, pois, embora apresente nuance de tempo concomitante, evidencia diferenças entre os dois países.

Vejamos as ocorrências do **enquanto** referentes às reportagens.

Ex. (13): Não há, por **enquanto**, nenhuma evidência concreta de um plano para atacar o presidente, mas as autoridades, por precaução, trabalham com o pior cenário – o de que alguém planeja um atentado. Partindo dessa premissa, montou-se o maior esquema de segurança da história para proteger uma única pessoa. (**R - Alerta máximo** – Veja, 02/01/2019)

Ex. (14): No restaurante Bairrada Adega Gourmet, na zona central do Rio de Janeiro, a clientela e os funcionários já notaram que a dona não aparece no local há algum tempo. Alguns dizem que ela mudou de cidade. Outros

afirmam que ela simplesmente desapareceu. O administrador do negócio, Antonio Airton da Rocha, tenta explicar **enquanto** confere as notas do caixa, repetindo-se diversas vezes e notoriamente incomodado: “Parece que ela está de férias”. (**R - Quanta coincidência**-Veja,13/02/2019)

A reportagem, em (13), traz a informação de que o presidente Jair Bolsonaro, por receio de um novo atentado, tomará posse diante do maior esquema de segurança da história. Nesse contexto, o **enquanto**, junto à preposição **por** denota período de tempo ou tempo aproximado – atenua a característica prototípica da conjunção em análise, ou seja, marca a temporalidade do acontecimento.

Em (14), o conteúdo é voltado ao senador Flávio Bolsonaro, e fala a respeito de personagens que podem ou não o inocentar da suspeita da “rachadinha”. O item em destaque na oração indica tempo simultâneo, Antônio Airton da Rocha tenta explicar o desaparecimento da dona do estabelecimento ao mesmo tempo que confere as notas do caixa.

Nas ocorrências a seguir, o **enquanto** tem nuance de contraste:

Ex. (15): **Enquanto** o PT levanta a bandeira do “Lula livre”, Lula nunca esteve tão preso. Na quarta-feira 6, a juíza Gabriela Hardt, que sucedeu a Sergio Moro na 13ª Vara Federal de Curitiba, condenou o ex-presidente a doze anos e onze meses de cadeia pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro na reforma do Sítio Santa Bárbara, localizado em Atibaia, no interior de São Paulo. (**R- Horizonte sombrio** – Veja, 13/02/2019)

Ex. (16) [...] bancos privados e públicos que concorrem entre si praticam taxas de juros similares. Haveria conluio? É difícil imaginar. Segundo, bancos estrangeiros que cobram juros baixos lá fora aplicam taxas mais altas aqui, **enquanto** os nossos cobram juros menores quando atuam em outros países. (**R - O início da batalha** - Veja, 20/02/2019)

O trecho (15) traz a informação sobre a segunda condenação de Lula pela reforma do sítio Atibaia. Nesse caso, a relação de contraste do **enquanto** é desenvolvida nas estruturas “Lula livre” e “nunca esteve tão preso”. Uma outra alternativa seria a substituição pela estrutura:

15’: **Embora** o PT levante a bandeira do “Lula livre”, Lula nunca esteve tão preso.

Ou uma estrutura coordenada:

15’’: “Lula nunca esteve tão preso, **mas** o PT levanta a bandeira do *Lula livre*”.

O exemplo (16) trata das causas das elevadas taxas de juros no Brasil. Na ocorrência, o **enquanto** expressa tempo simultâneo, mas é enriquecido com ideia de contraste. A esse respeito, Longhin (2016, p. 131) esclarece: “que ora o significado temporal se mantém primário, ora é o contraste que assume o primeiro plano, às custas de uma temporalidade opaca, sugerindo estágios graduais na constituição dosignificados”. Nessa concepção, há dois eventos que ocorrem concomitantemente, o que põe em evidência as similaridades e diferenças dos dois acontecimentos. Nesse caso, como o intuito do interlocutor é ressaltar a diferença, o valor opositivo é enfatizado.

Como a língua é passível de gradiência, mudança e variação, os elementos linguísticos, no decorrer do tempo, tendem a sofrer alterações em suas propriedades sintático-semântico-discursiva. Nessa concepção, o processo de gramaticalização do **enquanto** acontece gradativamente, através do seguinte percurso: simultaneidade > comparação > diferença > oposição, conforme ressalta Longhin (2016). Dessa forma, o item, em contextos específicos de interação, é constituído por um novo matriz semântico, resultando em uma abstratização de sentido.⁴

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a análise dos dados, foi possível perceber que a mudança linguística do **agora** e do **enquanto** ocorre no momento da interação, por pressões advindas do uso. O primeiro item, originariamente advérbio de tempo, é enriquecido no processo de gramaticalização, por passar a atuar como juntor que expressa valor contrastivo, perpassando por mudança categorial e de função semântica. Já o segundo item, uma conjunção que indica, primariamente, circunstância de tempo, é ressignificado com sentido opositivo. Nesse último caso, ocorre apenas a mudança de função.

Os nossos dados demonstram que o sentido expreso, tanto do **agora** como também do **enquanto** é predominante o de tempo. Apesar disso, podemos evidenciar ocorrências significativas que contribuem para o desenvolvimento de nuances contrastivas, revelando a não discretude das categorias gramaticais, uma vez que o sentido das palavras é influenciado pelo contexto.

Sobre a motivação da alternância semântica dos itens em análise que, a priori, têm valor de tempo e adquirem valor de oposição, acreditamos que, embora os autores utilizem com maior recorrência os itens em análise com suas características prototípicas, ainda há usos alternativos que tornam a linguagem mais argumentativa (característica dos gêneros em estudo), já que são formas linguísticas não convencionais, por isso são mais expressivas em comparação aquelas que são corriqueiras no momento da interação.

Percebemos, em relação aos gêneros textuais, que a entrevista, por ter a linguagem mais maleável, devido à situação espontânea de comunicação, tem grande propensão a ter recorrências de itens com valores contrastivos (forma alternativa de usar o **agora** e **enquanto**). A reportagem, por sua vez, por abordar a opinião do autor do texto, também requer estruturas que atendam melhor às intenções enunciativas. Isto é, os falantes/escritores valem-se das expressões que o sistema linguístico possibilita para atrair o ouvinte/leitor, promovendo uma comunicação eficaz e assertiva.

Ao refletir sobre esses usos dos itens selecionadas para estudo, ressaltamos que o ensino de Língua Portuguesa – no que se refere à abordagem da conexão de orações – deve levar em conta o aspecto da variação e ter como foco o texto (oral e escrito), para que o aluno compreenda o funcionamento sintático-semântico e discursivo dos conectores que os falantes utilizam para cumprir o intuito comunicativo. Silva &

Oliveira (2012, p. 71) sugerem que os professores, para desenvolver a competência linguística dos discentes, contemplem dados de língua oral e/ou escrita produzidos em situações reais de uso, com a finalidade de despertar o senso analítico dos alunos para a construção do conhecimento.

Desse modo, da perspectiva de um ensino reflexivo, é necessário que o professor amplie a visão do estudante sobre os elementos gramaticais, a partir da descrição dos usos e da explicação sobre as motivações gramaticais, cognitivas e discursivas das escolhas linguísticas que envolvem as intenções comunicativas.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Francisco Jardes Nobre de. **A gramaticalização de embora: um caso prototípico**. 2013
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa/ José Carlos de Azeredo**. – São Paulo: Publifolha, 2014
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa/ Evanildo Bechara** -37. Ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009
- BRITO, Isabel Pauline Lima de. **Conectores adversativos em textos jornalísticos sobre futebol: análise funcionalista em perspectiva histórica**. 2016. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016
- CAMACHO, Roberto Gomes. **Classes de Palavras na perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional: o papel da nominalização no continuum categorial**. 2011
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro/ Ataliba T. de Castilho**. – 1. ed., 5ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2019.
- CAVALCANTE, Daiane Aparecida. **Diga-me com quem tu andas, então direi quem tu és: o processo de gramaticalização do então**. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/13242> Acesso em: 15/04/2021
- CIPRO NETO, Pasquale. **Gramática da língua portuguesa/ Pasquale Cipro Neto, Ulisses Infante**. – São Paulo: Scipione, 2003
- CUNHA, Angelica Furtado da. Funcionalismo. Martelotta, Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo, Contexto, 2015
- CONSTANCIO, Felipe Andrade de. **Gramaticalização de conjunções: da sintaxe ao discurso**. Cadernos do CNLF, vol. XXIII, n. 3. CIFEFIL: Rio de Janeiro: 2019
- FERREIRA, Mauro. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo: Ftd, 2009
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. **O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação**. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 17, n. 1, p. 1-30, 2001

KENEDY, Eduardo. **Para conhecer sintaxe/** Eduardo Kenedy e Gabriel de Ávila. – São Paulo: Contexto, 2018

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa.** José Olympio, 2011

LONGHIN, Sanderléia Roberta. **Emergência de juntores contrastivos na história do português:** contextos, polissemia e subjetivização. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 18, n. 2, p. 263-299, 2016

LONGHIN, Sanderléia. **Regularidades em mudança semântica:** um estudo de caso no domínio da junção. em: *Revista LaborHistórico*, v. 2, n. 2, p. 130-148, 2016

MACEDO, Ana Cristina Pelosi Silva de. **Categorização semântica:** uma retrospectiva de teorias e pesquisas. *Revista do GELNE*, v. 4, n. 1, p. 1-7, 2002

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE; Sebastião Josué, CEZÁRIO, Maria Maura. **Gramaticalização no português do Brasil:** uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional/** Maria Helena de Moura Neves. – São Paulo: Martins Fontes, 1997

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português/** Maria Helena de Moura Neves. – São Paulo: Editora UNESP, 2000

OLIVEIRA, Maria José de et al. **A multifuncionalidade do item agora através dos séculos:** uma análise na fala e na escrita. 2018

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português.** 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007

RIZZATTI, Cleonice Lucia. **Da teoria prototípica da categorização de Rosch à teoria de protótipos de Kleiber.** *Revista Língua&Literatura*, v. 3, n. 6 e 7, p. 11-26, 2001

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. **Gramaticalização—uma visão teórico-epistemológica.** *Palimpsesto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, v. 9, n. 11, p. 1-18, 2010

SACCONI, Luiz Antônio. **Nossa gramática:** teoria e prática/ Luiz Antônio Sacconi, São Paulo: Atual, 1994

SILVA, Camilo Rosa; DE OLIVEIRA, Maria José. **O advérbio AGORA em processo de gramaticalização:** é preciso ensinar que/como/por que a língua muda. *Revista do GELNE*, v. 14, n. 1 Ed. Esp, p. 57-76, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** Editora Cultrix, 2008